

POEMA DO MERGULHÃO

António Luís Moita

Mergulhava, feliz,
no silêncio das águas
e trazia no bico
uma deusa de prata.

Na tenaz, comprimida
entre o sol e o sal,
a sereia luzia
um momento no ar.

Ao adeus que fazia
com a ponta da cauda
nenhum deus respondia:
só a espuma, na vaga.

O que sobressaía
na crueza do quadro
— porventura excessiva —
era a gula do pato.

O pescoço do dito,
ao esticar-se, ganhava
um inchaço esquisito:
um instante, engasgava.

No instante seguinte,
o pescoço voltava
ao calibre que tinha
(a sereia no papo).

Só o pato sabia
se era boga ou cavala
pela escama que ardia
na goela, ao tragá-la.



Mas, cavala ou tainha,
que importava — da praia?
Na calema, à bolina,
tinha graça era o pato!

Parecia um barquito...

De repente, expedito,
o mergulho de jacto!

— E, de novo, no bico,
uma deusa vibrava.

14/7/81